



O Mercado Municipal de todos os que vão e vêm

Frutas, catraias e pessoas formam o cenário

LINCOLN SPADA
DA REDAÇÃO

Um amor centenário. Assim se explica como o imponente Mercado Municipal de Santos ainda centraliza a vida de centenas de trabalhadores. Sejam comerciantes ou clientes. As frutas frescas dos caixotes perfumam todo o ambiente.

Elas, que chegam às mesas da clientela da Cidade, também sustentam há 40 anos o lar de Luzinaldo Nunes. Das vendas diárias, formou os filhos: um engenheiro civil, uma enfermeira e uma pedagoga.

O mercado também é ganhador de mais famílias, com suas 26 bancas e seus 17 antiquários em dois andares. Há lugar para flor, garrafa importada, jogo de porcelanas, e disco de Chiquinha Gonzaga. Embora toque Abba nas caixas de som, animando quem passa ali.

O mercado na praça é de 1902. E o prédio atual foi erguido em 1948, ocupando metade da Praça Iguatemi Martins. Seu contorno faz sombra nos sobrados ao seu redor, típicos das décadas de 10 a 30.

Com o carrinho de feira no ombro, Olinda Pereira para diante de uma das fachadas. No inverno, vende pratos de canjica como sobremesa para

quem vai ao Bom Prato. No verão, é a vez do geladinho.

Ahora do almoço de Fernando Marques de Jesus é diferente. O auxiliar de limpeza do cais senta em uma mesa de xadrez para contemplar a Baía do Mercado. Gosta de ver o movimento das catraias – elas saem mais rápido do que a fileira de táxis ao lado do terminal.

O mar vive se agitando, mas os passageiros entram nas catraias em silêncio. Crianças, universitários, domésticas e noivos. A cada 17 pessoas, uma embarcação flutua rumo a Vicente de Carvalho. São 800 metros em sete minutos.

Os únicos sons do trajeto são os roncões da Paloma, da Janaína, da Fernanda – quase todas as catraias têm nomes femininos. “Talvez os donos quisessem homenagear mães, esposas ou filhas”, diz Jaime do Prado, com a mão no leme da Carioquinha há cerca de 40 anos.

O Mercadão, que observa a andança de milhares de trabalhadores em seu entorno, é mais que um simples ponto de passagem. Até o personagem criado por Plínio Marcos, o errante Querô, reconheceu: “Estava em Santos. No Mercado onde me criei. Estava assim, em casa”.

